

TEATRO

19 jan

→ SEX • 21h30

duração 1H40

maiores de 14



A Missão da Missão

→ Aurora Negra

Local
auditório TAGV

Teatro Académico de Gil Vicente

Praça da República
3000-343 Coimbra, Portugal
teatro@tagv.uc.pt

Em A Missão da Missão construímos uma revolução feminina e negra de sete mulheres em ciclos constantes de esperança. Reconhecendo a urgência de construir utopias para construir realidades mais igualitárias, A Missão da Missão tem por base os movimentos de libertação africanos e a importância fundamental da participação feminina nessas lutas pela liberdade.

— Aurora Negra

Aurora Negra é o coletivo criado por Cleo Diára, Isabel Zuaa e Nádia Yracema. As três formaram-se na ESTC (Escola Superior de Teatro e Cinema) e seguiram um percurso na interpretação e criação para teatro e cinema, nacional e internacionalmente. O projeto nasceu para criar um espaço onde pudessem contar as suas histórias com as suas próprias narrativas, ficções, vozes e corpos, celebrando a sua ancestralidade em todas as formas. A Missão da Missão é o terceiro espetáculo do coletivo Aurora Negra, depois de Aurora Negra (20 e 21 Teatro Académico de Gil Vicente, integrado no ciclo Afro-Portugal: Contas de Torna-Viagem) e Cosmos .

“A Missão da Missão”

no palco com as lutas das mulheres negras

Ontem como hoje, as frentes de batalha atravessam-nos. Antes nas fileiras das lutas pela Independência, mulheres como Josina Machel, Titina Silá ou Deolinda Rodrigues inauguraram vias revolucionárias que continuam por reconhecer. Agora, por outros trilhos de resistência, as lutas femininas e negras permanecem activas, indissociáveis das provações à nossa sobrevivência. “Continuamos em guerra pelos nossos territórios, pela legitimidade dos nossos corpos, contra o apagamento das nossas histórias”. A condição bélica desassossega-nos entre cenas do espetáculo “A Missão da Missão”, da autoria das Aurora

Negra, que se estreia hoje, 7, às 19h30, no Teatro do Bairro Alto, em Lisboa. Presente num dos ensaios abertos realizados pelo colectivo, o Afrolink antecipa algumas das reflexões que estão em palco até 16 de Dezembro, e tornam esta criação imperdível. Por exemplo, a partir de que escala de violência nos tornamos capazes de matar? Até que ponto podemos falar de libertação, por termos conquistado a liberdade? Conseguimos reconhecer e celebrar a herança das revolucionárias que nos antecederam? Como honrar as lutas que nos precederam? “A culpa não é minha. A culpa não é nossa. A culpa é deles, mas a guerra é nossa. E na guerra ninguém descansa”.

por Paula Cardoso

Um manifesto sonoro guia os nossos passos até à sala principal do Teatro do Bairro Alto. “Não vamos morrer! (...) Não vão-nos matar agora, porque ainda estamos aqui!”, apregoa uma voz feminina, que ressoa como um eco das nossas vivências. Negras. Historicamente invisibilizadas e silenciadas.

Já de frente para o palco, o áudio incorpora-se no movimento de sete mulheres negras, entregues num ritual de reconhecimentos à prova de apagamentos.

Josina Machel. Deolinda Rodrigues. Titina Silá. Alda Espírito Santo...os nomes soltam-se ao encontro da frente feminina das nossas Independências, onde mães, filhas, esposas, irmãs, tias...escreveram capítulos decisivos da nossa História de autodeterminação. Ainda por saber e reconhecer.

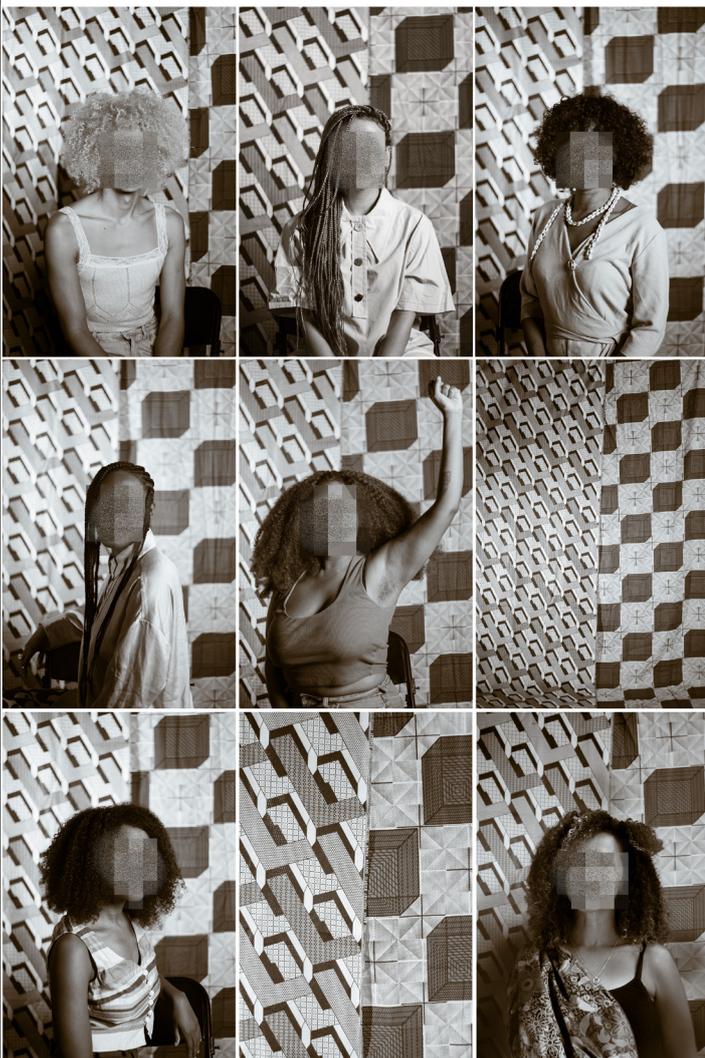
É por todas elas, e com elas, que a “A Missão da Missão” está em cena até ao próximo dia 19, no Teatro Académico de Gil Vicente, em Coimbra.

Da autoria do colectivo Aurora Negra, formado por Cleo Diára, Isabel Zuaa e Nádia Yracema – que assinam a direcção artística e criação da obra –, o espectáculo conta, para além da interpretação deste trio, com as actuações de Ana Valentim, Aisha Noir, Rita Cruz e Romi Anuel. Unidas numa homenagem ancestral.

“Elas passaram por muito, para que nós pudéssemos estar aqui hoje e continuar o caminho delas”.

As palavras, aqui registadas em dia de ensaio aberto, expressam como as heranças revolucionárias do passado sustentam as nossas resistências do presente. “Nós estamos aqui, e elas estão connosco”.

Mais do que reconhecer o legado das heroínas das lutas de libertação, “A Missão da Missão” confronta-o com a narrativa colonial.



“Na guerra, ninguém descansa”

Final, conforme nos recorda o áudio de acolhimento-recolhimento “não temos tempo, mas sabemos bem que o tempo não anda só para a frente”.

O que nos devolve o tempo quando andamos para trás?

“Às vezes dou por mim presa na minha cabeça. A imaginar 1001 possibilidades.... Como seria se fosse eu fosse totalmente destituída de humanidade? Como seria se não tivesse sentimentos, se não tivesse limites? Como seria se não tivesse medos? Penso se seria capaz de matar. Matar cada ofensa, cada morte, cada violação, cada usurpação, cada roubo. Matar.”

Ontem como hoje, as frentes de batalha atravessam-nos. Antes nas fileiras das lutas pela Independência, mulheres como Josina Titina, Deolinda e Alda, inauguraram vias revolucionárias que continuam por reconhecer.

Agora, por outros trilhos de resistência, as lutas femininas e negras permanecem activas, indissociáveis das provações à nossa sobrevivência. “Continuamos em guerra pelos nossos territórios, pela legitimidade dos nossos corpos, contra o apagamento das nossas histórias”.

A condição bélica desassossega-nos entre múltiplos convites à reflexão. Por exemplo, até que ponto podemos falar de libertação, por termos conquistado a liberdade? Conseguimos reconhecer e celebrar a herança das revolucionárias que nos antecederam? Como honrar as lutas que nos precederam? Parar é morrer?

“A culpa não é minha. A culpa não é nossa. A culpa é deles, mas a guerra é nossa. E na guerra ninguém descansa”.

Seguimos na luta! Nas ruas, nos palcos. Com “A Missão da Missão”.

→ <https://afrolink.pt/a-missao-da-missao-no-palco-com-as-lutas-das-mulheres-negras/>

T A

Texto Aurora Negra Cleo Diára, Isabél Zuua, Nádía Yracema

Direção artística e criação Cleo Diára, Isabél Zuua, Nádía Yracema

Interpretação Ana Valentim, Aisha Noir, Cleo Diára, Isabél Zuua, Nádía Yracema, Rita Cruz, Romi Anuel

Figurinos Eloísa d Ascensão

Assistência de figurinos Gabriela Lima

Confeção de figurinos Carmen Alves, Izaac Lacerda e Karol Nowichi

Desenho e operação de luz Lui L'Abatte

Sonoplastia e composição original Carolina Varela, Cire Ndiaye

Apoio à sonoplastia e operação de som Isaac Veloso

Desenho de Som Tiago Cerqueira

Cenografia Marine Sigaut

Apoio à dramaturgia Sara Graça

Apoio ao movimento Vânia Doutel Vaz

Apoio à encenação Mário Coelho

Fotografia de promoção Patrícia Black

Fotografia de cena Joana Linda

Vídeo Heverton Harieno

Apoio à produção de vídeo Mariana Guarda

Apoio à pesquisa Joacine Katar Moreira

Produção Cama a.c. Daniel Matos e Joana Duarte (Administração)

Direção de produção Maria Tsukamoto

Direção técnica Ana Carocinho

Coprodução Teatro do Bairro Alto, Teatro Municipal do Porto, Teatro Académico de Gil Vicente

Agradecimento Apolo de Carvalho, Edson Incopté, Rui Galveias (BOTA), Moisés Perez, Eloísa Maíza, LAMA Teatro
Fotografia Patrícia Black

G V

Este programa pode ser alterado por motivos imprevistos.
Informação atualizada em tagv.pt

TAGV é uma estrutura da Universidade de Coimbra

